



O feminismo entre cores e melodias

Ellen Ataíde Campos¹ (IC)

Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Ao longo da história, sempre houve mulheres que lutaram contra a moral e a condição social a elas impostas, mas a pesar dessas ações, identifica-se, mesmo hoje, a persistência da desigualdade de gênero em desfavor da mulher. Tal situação se torna ainda mais complexa e desfavorável quando se examina a condição social da mulher negra, uma vez que ela, além de sofrer com a discriminação de gênero, é afetada pelo preconceito de cor. O fato é que esses processos de exclusão e marginalização acabam por restringir os acessos da mulher negra no conjunto da sociedade, levando-a, no mais das vezes, a permanecer desempenhando papéis de menor prestígio social. Dessa forma a proposta desse trabalho busca refletir como esses processos de exclusão social refletiram diretamente da MPB, construindo barreiras e preconceitos em torno da imagem feminina.

Palavras-chave: Feminismo negro. Samba. Representação.

Introdução

Não é novidade aos que se dedicam estudar a história das mulheres e da negritude no Brasil que essas vozes permaneceram por muito tempo silenciadas, e mesmo hoje com as tentativas de reparos históricos, muitos paradigmas que ainda precisam ser quebrados para que haja uma verdadeira pluralidade de narrativas. As manifestações culturais da população negra no país sempre foram vistas com o viés negativo e marginal, principalmente pela elite branca, que sempre buscou estabelecer mecanismos para que a condição de subalternidade desses povos fosse permanente desde a escravidão aos tempos atuais.

Apesar dessas práticas separatistas, é inegável a riqueza e influência da cultura negra no Brasil, sendo o samba um grande exemplo. O samba é um estilo musical essencialmente urbano e negro que tem influência da batucada, maxixe, lundu e outros que influenciaram diretamente em sua formação. As casas das “tias”, rodas de samba, e bares faziam a alegria da população que saíam para as ruas para prestigiar e se divertir com o novo ritmo.

¹ ellenueg@gmail.com



Mesmo quando o samba se torna representação da identidade nacional, não impede que outros agentes vissem a origem negra do samba como algo negativo, sendo o samba do morro visto como inferior em relação ao samba da cidade. Nesse contexto as dificuldades de alcançar igualdade no espaço sócio-cultural se tornavam ainda maiores para as mulheres negras que buscavam iniciar carreira musical, pois os lugares instituídos a elas socialmente sempre foram restritos.

Mas nem tudo era consonância quando a questão dizia respeito à raça e ao samba. Vozes dissonantes também se fazia ouvir, rompendo com a aparência de plena harmonia. No palco de disputas montado em torno dos destinos da música popular não faltavam ataques de fundo racista. (PARANHOS, 2005, p.75)

Essa constante tentativa de separação étnica mostra o quanto a “democracia racial” pode ser considerada um mito, principalmente quando presenciamos a exclusão da cultura afro-descendente nos livros didáticos, músicas, cinema, universidades, e principalmente na política, que em todos, há uma minoria significativa de representantes negros, principalmente quando esses sujeitos são mulheres.

Resultados e Discussão

Ao questionarmos as barreiras impostas aos homens negros da carreira musical, percebemos que esse problema se torna ainda mais complexo quando pensamos a situação das mulheres, onde os homens eram os compositores, cantores e estrelas das grandes emissoras espalhadas pelo país, e para elas eram reservados apenas os papéis de intérpretes.

Esse distanciamento do universo feminino na música popular brasileira, além de enfatizar o silenciamento da mulher no espaço sócio-cultural, dava ao homem um local de fala autorizado para compor letras machistas e preconceituosas que ao serem lançadas, alcançavam sucesso imediato, sem serem criticadas ou questionadas pela sociedade.

A manutenção de discurso pré-definidos em relação à mulher sempre foram presentes na nossa sociedade, estereótipos sexistas que variam entre musa



inspiradora para a Amália, cantada por Mario Logo, que representavam a “típica” mulher do lar, sem luxo e vaidade, como apresenta ÁUREA (1992).

“Essa ênfase a “musa” deve-se a uma concepção machista da sociedade, que sempre estabeleceu a criatividade como um primórdio masculino. Para a mulher em virtude da sua capacidade biológica de reprodução, reservou-se apenas a possibilidade de criar filhos.” (ÁUREA, 1992, p.15)

Além das questões de representação, muitas letras evidenciam um forte preconceito racial em relação a mulher negra, que ao contrário das mulheres brancas, são vistas como anti-musas, sexualizadas como a “cor do pecado”, ou inferiorizadas como a *nega maluca*², afetando diretamente sua identidade enquanto sujeito. Apesar da hegemonia de um espaço musical essencialmente masculino, cantoras como Elza Soares, Beth Carvalho, Elis Regina, e muitas outras desse período lutavam por reconhecimento e aceitação, almejando romper com o discurso que as colocavam em situação subalternidade, como incapazes de ocupar espaços além do que a elas foram “predestinados”.

Não é permitido à mulher fazer uma obra positiva e, por conseguinte fazer-se reconhecer como pessoa acabada. Por respeitada que seja, é subordinada, secundária, parasita. A grave maldição que pesa sobre ela está em que o sentido mesmo de sua existência não se encontra em suas mãos (BEAUVOIR, 1980, p.210).

Nesse sentido, a feminista Brasileira Djamila Ribeiro (2016) analisa o “silenciamento da mulher negra”, como uma das bases para as desigualdades, que começam sobre tudo quando é negado ao sujeito o direito de falar, se constituindo assim muitas outras cadeias de repressão.

A questão do silêncio também pode ser estendida para um silêncio epistemológico e de prática política dentro do movimento feminista. O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não a coloca como sujeitos políticos. (RIBEIRO, 2016, p.101)

Considerações Finais

² RUY, Evaldo; LOBO, Fernando. *Nega maluca*. Interprete: Linda Batista, Rio de Janeiro, 1950.



Dessa forma, a música permite refletir a trajetória da mulher negra em busca de representatividade. O samba é um produto cultural que reflete tais questões, fornecendo um vasto conjunto de discursos acerca o que Dijamila Ribeiro (2016) chama de silenciamento do feminino. Pensando nessa perspectiva, o estudo do samba faz compreender em que medida as representações da mulher negra vem sendo construída, uma vez que essas músicas não estão desconexas na narrativa política da sociedade que pertencem. Questionar esses discursos homogêneos favorece que a mulher negra ocupe novos espaços na sociedade o que permite combater política e culturalmente os silenciamentos aqui trabalhados.

Agradecimentos

Agradeço aos meus professores, amigos e familiares.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

CRUZ, Maria Áurea. *A Musa Sem Máscara: A Imagem da Mulher Na Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

PARANHOS, Adalberto. *Os Desafios: Samba e Bamba no “Estado Novo”*. São Paulo: Intermeios Casa de Artes e Livros, 2015.

RIBEIRO, Djamila. *Feminismo Negro Para um Novo Marco Civilizatório*. São Paulo: Revista Internacional de Direitos Humanos, 2016.

RUY, Evaldo; LOBO, Fernando. *Nega maluca*. Interprete: Linda Batista, Rio de Janeiro, 1950.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás